

MARXISMO NEGRO. PENSAMENTO DESCOLONIZADOR DEL CARIBE ANGLÓFONO.[Daniel Montañez Pico]¹

Prof. Dr. Fábio Nogueira²



A obra *Marxismo Negro, pensamento descolonizador do Caribe anglófono*, de Daniel Montañez Pico, professor da Universidade Complutense de Madri, inscreve-se em um esforço de renovação da teoria crítica e do pensamento marxista. O livro está dividido em apresentação, sete capítulos em que apresenta os conceitos-chave e seus respectivos autores e um capítulo final.

¹Resenha recebida em 03/02/2025. Aprovado pelos editores em 02/03/2025. Publicado em 09/04/2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i50.66447>.

²Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Brasil, Coordenador do Ija Imo – Grupo de Estudos do Marxismo Negro “Clóvis Moura” do DEDC/UNEB e da Rede Nacional do Marxismo Negro (@marxismo_negro). E-mail: fnogueira@uneb.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1337791602547816>. ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-9622-9737>.

A apresentação do livro é importante no sentido de contextualizar as veredas que levaram a Daniel Montañez, um pesquisador espanhol, ao pensamento de pensadores marxistas negros caribenhos, que tem uma produção intelectual bastante vasta e sofisticada, mas que, infelizmente, tanto na Europa como no Brasil, são poucos conhecidos. O caráter histórico da produção deste pensamento – entremeado aos conflitos políticos e a geopolítica do Caribe de língua inglesa – é um excelente ponto de partida para situarmos como estas ideias vieram a lume como elas nos ajudam, até hoje, a pensar a relação entre capitalismo e racismo. Logo em seguida, o livro trata dos autores e suas principais contribuições teóricas tendo como referência o pensamento marxista.

O primeiro capítulo trata do conceito de sistema mundo de Oliver Cox, autor nascido em Trinidad e Tobago e radicado nos Estados Unidos, onde fez carreira acadêmica. Apesar do caráter prolífico e renovador das obras de Cox – principalmente por rivalizar com a Escola Sociológica de Chicago e sua aplicação equivocada do conceito de castas para entender a dinâmica das relações raciais estadunidenses – a sua tese sobre a dominância do comércio internacional e a centralidade divisão internacional do trabalho (a partir do escravismo) na conformação do capitalismo como sistema-mundo, é ainda um feito atribuído erroneamente a Immanuel Wallerstein (o que o próprio inclusive reconhecia).

O segundo capítulo é dedicado ao conceito de imperialismo para George Padmore e C.L.R James. Padmore é um importante intelectual marxista vinculado à Revolução Russa de 1917, tendo colaborado inclusive para a *Teses sobre a questão negra* (1922), da Internacional Comunista e manteve-se à frente, por delegação desta, do *The Negro Worker*, publicação da *International Trade Union Committee of Negro Workers*, nos anos 1930. Distanciou-se da Internacional e abraçou uma perspectiva pan-africana socialista e revolucionária, tendo influenciado a Kwame Nkrumah, líder da independência de Gana do domínio britânico. C.L.R James, por sua vez, mais conhecido entre nós por seu clássico *Jacobinos Negros* (1933), desenvolveu uma perspectiva do internacionalismo negro proletário, unindo as lutas anticoloniais e dos trabalhadores em luta contra o imperialismo. Assim como Lênin, também foram críticos das perspectivas evolucionistas e reformistas da Social-Democracia, na Europa, algo que era viabilizado pela super-exploração do trabalho nas colônias e ex-colônias fora daquele continente (África, Ásia, Américas e Caribe).

O terceiro capítulo é dedicado a Eric Williams e como para o autor o comércio triangular que prevaleceu no período da escravidão foi condição para o pleno desenvolvimento das forças produtivas na Europa, em especial, na Inglaterra, e não o contrário. Williams inverte os termos do etapismo – em que o capitalismo surge na Inglaterra, em sua conformação clássica, para aí se universalizar e reproduzir em outros cantos do planeta. A tese do autor de *Capitalismo e escravidão* (1944) é um ponto de virada importante para a compreensão da complexidade do desenvolvimento do capitalismo, de uma perspectiva internacional. Além disso, coloca a centralidade do capitalismo na formação e na história do próprio capitalismo que não pode ser compreendido, desta maneira, sem as redes de comércio escravizado transatlântico que uniu África, Américas, Caribe e Europa.

Até mesmo por isso, os capítulos quatro e cinco, estão articulados diretamente como o segundo. Se o escravismo foi funcional à formação do capitalismo, é preciso entender a que tipo de relação produção ele se relacionou no contexto caribenho e dos países da periferia capitalista. É por isso que, no capítulo 4, Lloyd Best e George Beckford são apresentados como autores que aprofundaram o entendimento da *economia de plantation* e da relação entre *plantation* e *subdesenvolvimento*. Geralmente se fala em plantation como uma etapa já superada na história do desenvolvimento econômico no Brasil. Mas será isso real? Não é possível enxergar paralelos entre o atual crescimento do agronegócio e a correspondente destruição dos recursos naturais como a tendência a *plantation* inscrita no modelo de desenvolvimento capitalista? A situação do Brasil e da América Latina seriam assim tão diferentes do que se passa nos países caribenhos? Como um modelo de desenvolvimento baseado no monopólio da terra, a destruição dos recursos naturais e a exploração de mão de obra emerge a racialização da força de trabalho – algo que Walter Rodney e Stuart Hall vão apresentar como a contradição permanente deste regime de exploração no capítulo 5. Isso porque para estes autores, raça não é pensada apenas como um acidente, mas toda uma ideologia – em sua essência colonial – a partir da qual se reproduzem as relações de poder e opressão. Para Rodney, muito vinculado às teses cepalinas e em diálogo com a teoria marxista da dependência, a racialização é um dado permanente do regime de exploração capitalista, que não apenas justifica, mas se vale deste, como realidade vivida, dentro do processo de alienação, para estabelecer-se enquanto tal. Daí a importância da luta antirracista e do poder negro nos processos de superação

da ordem capitalista. Já, em Stuart Hall, a racialização teve como efeito a criação de um “mundo cultural negro”, em uma perspectiva gramsciniana, que, por sua vez, é elemento de disputa contra-hegemônica. Hall entende a centralidade da cultura e do cultural enquanto construção histórica, ligado às condições específicas do sujeito racializado na diáspora e tem, ao seu lado, elementos contraditórios que pode se valer para estabelecer outras formas de poder e processos de emancipação.

Por fim, no capítulo 6, Daniel Montañez nos apresenta o pensamento de Rhoda E. Reddock sobre mulheres, raça e classe no Caribe. É esta perspectiva do feminismo afro-caribenho que Reddock enfatiza partindo de uma crítica dos modelos de interpretação que excluem o fato de como a feminização da força de trabalho no Caribe não pode ser pensada sem sua correlata racialização. Para tal, parte da história da formação da plantation em Trinidad e Tobago, seu país de origem, estabelecendo que racialização e feminização da força de trabalho condicionaram os processos de luta e emancipação sendo, portanto, não elementos acessórios, mas estruturais à compreensão da dinâmica de classes. Infelizmente, neste capítulo o pensamento de Reddock não está muito bem relacionado com a de outras autoras caribenhas e a contribuição destas ao pensamento das feministas radicais negras estadunidenses. Um ponto de articulação, por assim dizer, é a trajetória de Cláudia Jones (1915-1964), também nascida em Trinidad e Tobago, e que terá um papel extremamente importante ao aliar a luta feminista negra ao pensamento socialista de sua época, além do fato de ter atuado no Caribe e Estados Unidos (de foi expulsa por sua militância comunista, radicando-se na Inglaterra).

No capítulo final (Capítulo 7), Daniel apresenta as teses conclusivas, um esforço de sistematização do pensamento destes marxistas negros em teses teóricas, históricas e políticas, assim como, um resumo das trajetórias deles e de suas principais obras de referência. Aqui o autor procura responder possíveis críticos de que o que ele chama de marxismo negro seria apenas um encontro acidental de autores e pensadores que, por uma contingência histórica, escreveram a respeito da relação entre raça e capitalismo. O que afirma Daniel aponta em sentido contrário: existe uma tradição do marxismo negro, no sentido de um conjunto de obras e produção que, mesmo não se tornando uma escola, guardam elementos comuns e contribuições originais a teoria crítica. Afinal, em um mundo intelectual em que se digladiam gramscinianos, lukcatianos, mezaristas, leninistas e afins, por que não se falar de marxismo negro? A pergunta, portanto, é que se é possível falar em

marxismo negro fora do contexto do caribe anglófono e englobar autores como Franz Fanon, Aimé Césaire, Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, entre tantos outros.

Apesar do caráter sintético do capítulo final e da forma como os capítulos são ordenados – que tem mais relação com apresentar autores que são, em sua maioria, infelizmente desconhecidos e marginalizados no âmbito da teoria crítica – o objetivo final não é o de separar e colocar em caixas hermeticamente fechadas, intelectuais e seus respectivos conceitos, mas localizar os pontos de convergência da teoria marxista a partir de seus contextos específicos de produção, a saber, o Caribe de língua inglesa. Desta maneira, é necessário mergulhar na complexidade do pensamento caribenho e sua contribuição à teoria marxista – desde autores mais conhecidos como Eric Williams e C.L.R. James a teóricos menos conhecidos, entre nós, como George Beckford e Rhoda E. Reddock. A obra de Daniel Montañez é, portanto, uma contribuição extremamente necessária à renovação da teoria crítica desde uma perspectiva dos marxismos do *Sul Global*. Que surjam outros estudos no sentido de aprofundar, entre o público brasileiro, o conhecimento deste pensamento.

Referência

MONTAÑEZ PICO, D. **Marxismo Negro**. Pensamento descolonizador del Caribe anglófono. São Paulo: Editora Dandara, 2024.